

revista

Gente

de

PALAVRA

nº 10

BARRETO

a poesia
percorre
os brasis



Adão Wons Alexandre Lettner dos Santos Barreto Benette Bacellar Caio Pedra Cláudia Gonçalves
Conceição Hyppolito Cristina Martim Branco Felipe Magnus Jeane Bordignon Leris Seitenfus Lota
Moncada Márcio Ares Maria Isis M M de Barros Matheus Mineiro Nairana Melo Neli Germano Ngl*
Pero Vás Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Ronaldo Coelho Yuri Gross

Nascido em Bagé, RS, em 1944, mudou-se ainda criança para Porto Alegre. Durante a infância e a adolescência, alternou a vida urbana com longos períodos no campo, vivência que transparece em sua obra. Na juventude, aprendeu muito na convivência com os poetas Edson Salazar de Souza e Lila Ripoll, a quem chama carinhosamente de “pai e mãe da minha poesia”. Teve alguns problemas com a ditadura, quando foi enquadrado em três IPMs, sendo que em um deles ficou sete anos respondendo a processo e sob custódia da Justiça Militar, por conta de sua militância política. Trabalhou com Comunicação, Marketing e Relações Públicas, foi dono de bar, fez parcerias musicais com Ivaldo Roque – sendo a mais emblemática, a letra do samba-enredo da Praiana, no Carnaval de 1971, cuja letra foi inicialmente censurada. No final da década de 70, vendeu a agência Promerc Propaganda, o bar Rua do Encontro, que tinha adquirido do Pernambuco, e foi correr o Brasil, fazendo recitais e vendendo poemas de mão em mão, principalmente suas Cantigas para a senhora do olhar arregalado (ou de como a negação do amor tem a ver com a ditadura), que se tornou um dos mais vendidos da época. Morou em Salvador (Pelourinho), Recife, Olinda, Fortaleza, Maceió, Aracaju, Rio de Janeiro, Florianópolis e, finalmente, já nos anos 90, voltou a morar no Rio Grande do Sul. Sua poesia é profundamente enraizada na realidade e comprometida com a vida do homem comum em uma sociedade que desrespeita cada vez mais as necessidades e a sensibilidade humana. São particularmente expressivos da sua obra, nesse sentido, os Poemas VEREDICTO e CANÇÃO DA MINHA AMARGURA, embora não se descartem os de conteúdo bem humorado e aqueles em que as relações amorosas com suas Musas constituem o grande mote. Barreto é Gente de Palavra.



BARRETO

Veredicto

Meu partido
me quis máquina,
minha mulher
me quis macho,
minha mãe
me quis menino.
E assim,
cada qual pelo seu tino
foi traçando
o meu destino,
alheio à minha vontade.
Por isso nenhum entende
a razão quando se some
desse insípido convívio:
Eu não morri
pra querer lírios,
é outra a morte
que me come.
Descansem em paz
no delírio.
Prefiro meu desatino
de me saber
Bicho-Homem!

*Barreto
Recife / PE / 1981*



Dorme, dorme

Dorme, dorme, menininha,
e deixa lá o mundo às voltas
com suas espirais endoidecidas.

Enquanto vai – lentamente –
desfazendo-se a madrugada,
e uma chuva fininha e comprida
espreguiça-se sobre as casas,
bem sei que, escondida,
em um cantinho escuro,
quietinha, te deixavas.

E nem Deus – que tudo vê! –
via que choravas.

Dorme, dorme, menininha,
que na manhã que vem caindo,
uma fofa nuvenzinha
de colchão te vai servindo.

E a vida, toda prosa,
vem, ela mesma, em outra forma,
dar-te o presente que sonhavas:
– Tó, meu anjo, um par de asas.



Homens de meu tempo



Todos os povos de meu tempo parecem sofrer de uma angústia inominável.
Não se sabe a razão, porventura equivocada, de viver em dor a vida
que simplesmente passa
sob o tempo de alegrias possíveis e paixões intermináveis.

Nem a invenção dos mais sábios homens
nem o mais pleno entendimento do acaso
explicam esse tempo de amizades turvas, vontades avessas, alma escura,
amor inseguro e desejos fugazes.
Talvez por incerteza, ou o mais bruto sentimento de ancestralidade,
os homens de meu tempo querem, com violência estúpida e pressa demais,
esquecer o instante presente
onde viver pareça fútil, mas de igual modo urgente, útil, essencial.

Mal sabem eles, meus contemporâneos, que a ilusão é o tormento de uns tantos
feito a mesma tristeza que a noite alimenta
querendo um sol que espante o que não tem nome
essa grande angústia que dura por todos os tempos
e que a muitos atinge de um jeito quase covarde.

O rosto,
a máscara,
a mulher.

A força que os sustenta, estes homens de agora,
é própria do Deus que trazem dentro
e porque acreditam é certo que ainda possam
retomar as rédeas do contentamento, romper as grades do entristecimento
e conceber a vida como quem recebe a visita
de um anjo que anuncia a nós próprios
a graça de não ser vazio, embora um pouco sós,
porque em nós existe, insiste e é triste
a vida que muitas vezes morre.

"E o belo se fez mais belo
e o novo de repente

Num piscar de olhos era velho
o café antes amargo a gosto,

Agora nem café era mais
olhei-me no espelho e vi-me despida da máscara
e vestida de tempo,

sentimento, argumento, palavra
tudo enfim de nada valia e valia muito
percebi que o tempo passara
e que agora me via com olhos de criança,

mas com olhar de mulher..."

Nairana Melo

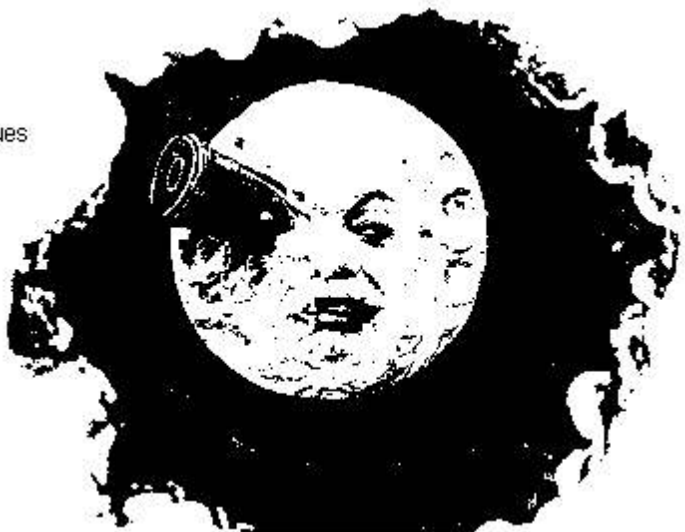
Márcio Ares. 2013.



Lua insana

A lua insana
Incendeia os mais belos bosques
Clareando a imensidão
De folhas, flores e frutos.
Exausta...
Dorme na imensidão
No horizonte sem fim
Beijando a terra
Na aura da manhã
Deixando vagos e tardios
Pensamentos insanos
No céu sem limites.

--
Adão Wons – Cotiporã – RS



Sabotagem

A mulher avista
o Cristo no Corcovado
o marulho
arranha céus
suas crianças
ao redor.

Sente a areia
nascente poente
vozerio babélico
e a toque
de mãos
os filhos.

E responde a si:
(ao Mundo)
melhor
não sonhar
cato latinhas
à beira-mar.

Neli Germano



Imenso sertão

Eu que já vi
o sertão
no sol,
Eu que não sei
nada além
e tudo aquém
de ti

A vida é sertão
à beira do mar
à beira do abismo

O coração
nunca cicatrizado
é o único
a não mentir.

Secura, sertão,
és companheira dos errantes,
dos filhos e netos de errantes
(seu único pecado
era desejar caminhar
enquanto o mundo aprisiona).



Secura, sertão,
da crença que somos crianças
pelo resto da vida -
a lágrima não escorre,
sertão.

Tua idade ultrapassou
a idade de teus desejos,
imenso sertão.
Teus pés embotados
de realidade e descrença.
Teus olhos embotados
de lágrimas e vontade
de caminhar.

Sertão, queria saber
por que sinto saudades de ti
se estás sempre ao meu lado?

Eu, criança,
choro.
E a vida me diz:
- Imenso sertão.

Felipe Magnus
29 de março de 2013



Poeminha astral

Ficava um pedacinho do rio Piranga
no voo das garças e nos mantras das capivaras.
o rio engordava e emagrecia e deitava e escorria no meio da cidadezinha
até eu tinha um pedaço do rio em mim.
sem stress hídrico, eu queria era fluir.

Matheus Mineiro



Pequeno tratado do ego

Comigo ou sem migo?
A questão permanece
no seio do ego: o umbigo.

Ronaldo Coelho



Alguma poesia

Encontra-se aberta uma vaga
para pessoas de fino trato.
Exige-se que goste de poesia
e alguma melodia...
Um pouco de insensatez pode ser útil
para suportar a correria do dia a dia
sem nostalgia ou melancolia ...
Por fim pretende-se que o candidato
tenha nível superior nas escolas do amor
com pós-graduação em coisas do coração.
Encaminhar CV para o endereço abaixo.
Não é necessário enviar foto
pois quem vê rosto
não vê a emoção .

Maria Isis M M de Barros

Deriva

Frágil lume em vagas
Singra mares
Sangra auroras
Sob risco de soçobrar...

Segue
Sigo com ou
Sem norte
Ou sorte
Lanço vela
Em alto mar;

– Navegar impreciso...

Conceição Hyppolito



Poesia local

um só
encontro
a ponto
de bala

nas esquinas
as mesmas pessoas
atrapalham
a fala

das taças
nas mesas

na boca das pessoas
como fumaça
vem
em vão
aquela conversa

sem dizer nada
nem a que
vaiam,
apenas trabalham
a hora
de folga

em nada se apoiam
sentadas
tem fortalecidas
as pernas
das mesas

intentam aclamar
o local:
– Poetas
de benditas letras.

*Ngj**



Entre

Entre minha língua e teu ouvido
Muito transcorre
Brisas
Tsunamis
Ondas trapezistas
Entre o balanço, vez ou outra
Uma pirueta mortal
E o que são pés, o que são braços
Apenas saberia Picasso
Se por algo desconhecido
Nos fosse dado o sentido
De enxergar as palavras
Entre o ir, o definir
O vir, o sentir
Entre as portas por onde saem
E as janelas por onde entram
Todo caminho é novo
E falar também é uma arte.

Jeane Bordignon

PoeMário

Mário hoje quero rima pobre e infantil,
tipo: Mário, este mundo está precário!
Mário quem sabe tu estás escondido no baú de espantos,
ou quem me dera se teu velório fosse sem defunto...
Mário, vem, ressuscita
vem ser o messias deste tempo pobre e louco.
Tua Greta Garbo te espera com cigarros e canções antigas.
Vem ser o vô que meu filho não teve.
Sai das estantes e vem abraçar a gente, órfãos do teu poema.
Hoje discutimos nos celulares,
adoramos as redes sociais e somos (veja só) insociáveis no trânsito.
Vivemos no iPhone,
no iPode...
ai que saudade
geme em silêncio a ruazinha solitária e sem vaga-lumes.
Te procuro e não te acho no mapa da cidade,
mas te encontro no olhar nostálgico do poeta.
Teu nome não consta na Academia Brasileira de Letras,
mas estarás para sempre no coração de todos nós, aprendizes de feiticeiro!
Enquanto no céu tu fumas e "prosea" docemente com o anjo torto de Drummond,
um poeta bêbado e sonhador grita na madrugada:
Quintana não morreu: empoemou-se!



Alexandre Lettner dos Santos



Estética

Não gostava
das mulheres anoréxicas
magraltas.

Modelos-cabide
de prêt-à-porter.

Preferia as tesudalmas
& as gostesudas.

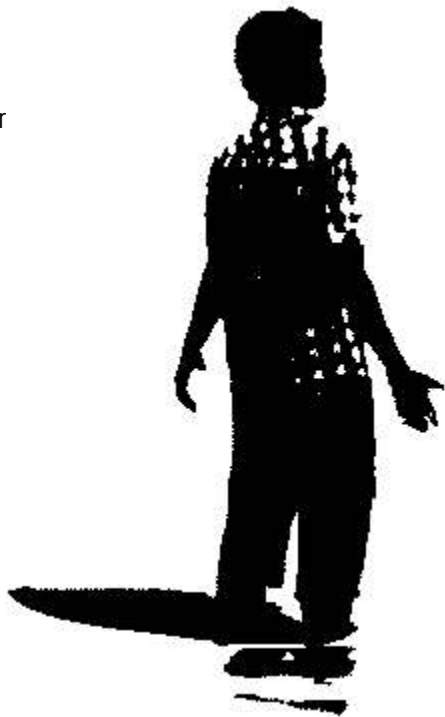
Garotas da capa
em verso & frente.

Ricardo Mainieri

epitáfio

aqui não jaz__nada
em pó prefiro navegar
no abraço das ondas
o mistério do mar
despertando
a poesia
que ficou
no cais

Cláudia Gonçalves



Blá-blá-blá

É tanto blá-blá-blá
que virou só um
som ininterrupto.
O canto do galo,
do grilo, da coruja,
até do sapo o coaxar
lembram uma melodia,
na opinião dos soi-disant.

Só eu não acho?

Mudei os óculos, aflita
– meus ouvidos moucos
não percebem sentido
nesse blá-blá-blá vazio –
esperando que os olhos
o pudessem decifrar.

Teimosa, questiono:
qual o objetivo do palavrório
derramando sem transcender?

Se for canção ou poesia,
creiam, para boa melopeia
é preciso, ao menos,
uma troca de vogal.



Acordar

Afugente do caminho
pobres almas vazias
cegas, atormentadas
desconectadas e prisioneiras
do pensamento linear

Persiga as bolhas de sabão
dos sonhadores
que ainda guardam a alma de criança

Salve-se dos rompantes
mergulhados no orgulho
esperam aceitação
esbarram no espaço da auto-suficiência

Amanheça então
com o suspiro da lucidez
resguardando as lembranças
que movem o encanto

Cristina M. Branco



Às Três Marias

Andam dizendo por aí
Que as Três Marias
deram pra sair.

E tem mais...

Há quem me conte
Que só saem à noite.

Andam dizendo por aí
Que é só para se exhibir;
Que saem à noite
Prá levar no açoite
Os olhos de um guri.

Mas o que não andam dizendo por aí
É que
o açoite
à noite
é sorte.

E tem mais...

Tem um quê de safadeza.

Yuri Gross



Força Maior

nasceu da atração
do rochedo

pela
nuvem

revelado em

TROVÃO

corisco

que risca
tempestade

avassalador

amor-vulcão

amor-terremoto

tsunami de tesão

ilha de lava crescendo

no oceano

ebulindo o mar

eu bulindo em ti
catando estrofes

de um amor-catástrofe

terra arrasada

tudo vira

n a d a

p
r
i
n
c
í
p
i
o

de nós

Renato de Mattos Motta



Acorda gigante

o Brasil renasce
no meio da miséria da maioria
e mesa farta dos corruptos

as promessas dos políticos
perdem-se falsas
dentro das panelas vazias

os oprimidos cansaram
os jovens acordaram
o sol levantou o gigante

o povo unido
caminha aflito inquieto
por uma causa digna

saúde para os pobres
ensino para as crianças
vida decente urgente



Benette Bacellar

Rejeição

Transito na saudade de quem nunca tive,
refugio-me nas migalhas de emoção,
vez em quando sinto a ilusão do abrigo,
Vivência abolida nos declínios do coração,
na estrada esquecida planto flores diversas
sabendo que também brotam os espinhos.
Da dor firmo raízes semeadas pelo amor ,
venero a beleza incerta do caminho
e por vezes acredito na plantação
pois, ela nunca soube o que é rejeição.

(Um poema para meu pai em toda a sua eternidade).

Léris Seitenfus



Amor apesar

Opção, escolha
Decisão
Isso, que já foi de tudo
É, hoje, situação
E eu vivo à espera
De que se torne detalhe
Mera característica
Antes de triste recordação

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra)
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Daniela Damaris Neu e Erivoneide Barros

Porto Alegre, julho de 2013.

APOIO:

